

SEM FRONTEIRA

As tecnologias já desenvolvidas nos hubs estão ajudando o setor a ser mais eficiente



“PENSA NUM TREM BÃO DE MAIS DA CONTA”

NASCE EM GOIÂNIA MAIS UM GRUPO PARA CONECTAR POTENCIAIS INVESTIDORES A AGTECHS, STARTUPS E INSTITUIÇÕES DE PESQUISA E ENSINO NO AGRONEGÓCIO. O MOVIMENTO DOS HUBS NÃO PARA

VERA ONDEI, DE GOIÂNIA (GO)

Em Goiás, a frase “bão demais da conta” é ouvida com muita frequência. Em roda de amigos, na rua, em casa e no dia a dia do trabalho. É uma linguagem da terra. Ela significa algo ou alguma coisa excelente. Não à toa, “pensa num trem bão demais da conta” estava no cardápio de expressões durante a inauguração de mais um hub do agronegócio, o Conexa, com sede em Goiânia. A iniciativa da criação do hub é da Siagri, empresa de softwares para o setor que está entre as maiores do Centro-Oeste. Ganhou, de imediato, o apoio e a parceria da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do governo do estado. “O que nos trouxe até aqui não nos levará até 2030”, diz Carlos Barbosa, diretor da Siagri. “A criação do hub, um espaço aberto para a inovação, é o que acreditamos como caminho para novas tecnologias.”

O Conexa é o primeiro projeto que nasce com uma sede física no Centro-Oeste, embora não seja somente isso que define um hub. O conceito de um hub passa, também, por ideias em série vindas das startups, constantes acertos e erros e, principalmente, por uma rede de financiadores para sustentar um movimento que pode ter inúmeras variáveis. Justamente por ser um organismo de inovação aberta. No caso do Conexa, no espaço de 600 metros quadrados as startups contam com salas de trabalho e equipamentos, espaços para reunião e descanso, estúdio de áudio e vídeo, e um departamento de apoio jurídico e técnico.

O hub começou com quatro startups, em um processo de desligamento de projetos que já funcionavam dentro da Siagri. A ideia nasceu com o planejamento visando 2030, no qual a inovação aberta precisa ser acelerada. “Em uma empresa com processos a velocidade da inovação se perde”, afirma Barbosa. “O hub muda esse ritmo. Além disso, não estarmos mais sozinhos nesse processo.” Barbosa conta com a chegada de novas startups e também com os frutos que possam surgir com as parcerias fechadas.

No caso da UFG, a parceria com o Conexa visa atrair a base de pesquisa da universidade que tem cerca de 20 mil alunos, 90 cursos superiores e 78 áreas de pós-graduação stricto sensu, no qual o aluno precisa defender uma tese. Entre os cursos estão vários ramos das ciências agrárias, como veterinária e agronomia, cursos de humanas e biológicas e uma pesada grade de engenharia com forte atuação em computação, informação, software, física, mecânica e alimentos. Para Edward Madureira, 56 anos e reitor da UFG, que é agrônomo, a universidade pode contribuir com a pesquisa pura em projetos como o

Conexa. “Há décadas a nossa política industrial está apartada no berço da política científica”, diz ele. “Mas hoje, a mudança de cultura nas universidades não é um problema e fazer parcerias tem sido uma prática em várias institui-

PARCERIA
Carlos Barbosa (à dir), e Eduardo Bitu, são as cabeças do novo movimento em Goiás



FOTO: JO SILVA ARRUJO

ções.” Madureira diz que com a assinatura de intenções com Conexa a universidade vai estudar as regras e segurança no processo.

Para o professor Anderson Soares, 35 anos, do Instituto de Informática da UFG, com pesquisa nas áreas de aprendizado de máquina e redes neurais artificiais profundas (deep learning, em inglês), como o agronegócio é um campo muito bom para a robótica, um hub de inovação gera demanda na qual parte dela por vir do ensino e da pesquisa nas universidades. “O conceito atual é de conhecimento exponencial”, diz Soares. “E embora a inteligência artificial seja mais forte em setores que se digitalizaram primeiro, as áreas mais tardias estão chegando forte, como agronegócio e saúde.” Para ele, pela força do agronegócio, quando entra no jogo ele passa a ser o dono da bola. O agrônomo Antonio Carlos de Souza Neto, 35 anos, que também é agrônomo e secretário de Agricultura do Estado de Goiás, o protocolo assinado com o Conexa faz parte da consolidação de um ecossistema de agtechs (as startups do agronegócio) locais. “O Conexa foi nossa primeira assinatura de protocolo com hubs”, diz Souza Neto. “A ideia é que esse tipo de parceria possa universalizar o conhecimento e que amanhã possam vir os convênios com esses sistemas de conhecimento.”

CONSTRUÇÃO O próximo passo do projeto Conexa, de acordo com Barbosa,

ACADEMIA
O reitor da UFG, Edward Madureira, diz que a pesquisa estará à disposição do hub



GOVERNO
Para o secretário de Agricultura do Estado, Antonio Carlos de Souza Neto, o hub é uma oportunidade

SUPER FAZENDA
Leandro Xavier é o CEO da My Farm, uma startup de gestão que já possui 35 clientes



ANOTADOS
Adeilson Miranda criou um sistema para os receiptuários agrônômicos e está à frente de um projeto

é busca investidores. Ele não diz quanto a Siagri investiu no projeto, porque já começa a negociar parcerias também nessa área. “Há vários modelos e estamos vendo possibilidades, porque queremos que o Conexa tenha perenidade”, diz ele. Entre elas estão, por exemplo, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), empresa pública de fomento à ciência, tecnologia e inovação em empresas e até investidores anjos, que são pessoas físicas ou jurídicas que investem seu próprio capital. Esse tipo de investidor tem crescido o País. No ano passado foram R\$ 979 milhões investidos

por 7,7 mil pessoas, ante R\$ 619 milhões há cinco anos. O agronegócio já é o quarto setor mais procurado.

O Conexa nasceu com 50 pessoas envolvidas, entre os administradores, a equipe de apoio e as quatro startups. Marcelo Bitu, 51 anos, graduado em computação e CEO do Conexa, acredita que é uma tendência o crescimento de hubs nichados, como ocorre no agronegócio. “Isso aconteceu no Vale do Silício, nos Estados Unidos, e pode acontecer aqui”, diz ele. “Mas um dos nossos grandes desafios, além de construir esse cenário, é como o homem do campo tem contato com o que está acontecendo nesses centros de inteligência.” Por isso, a decisão da Siagri, que tem 270 funcionários, em não começar do zero a construção do hub e sim transferir os projetos de inovação para esse espaço e deixar com que tomem corpo, juntamente e com outras iniciativas.

Entre as quatro estão, por exemplo, o Receiptuário Agrônômico e a My Farm. O Receiptuário é o mais antigo projeto. Nasceu em 2009, com os estudos de Adeilson Miranda, 42 anos, técnico agrícola e hoje CEO da startup. Ela já atende a indústria de químicos, lojas de insumos e grandes produtores rurais que precisam de uma plataforma para organizar os dados desse setor. “O hub é um trampolim para ganharmos musculatura”, diz Miranda, que tem 3 pessoas na equipe de desenvolvedores. A My Farm, com 4 pessoas, é a mais recente e se destina à gestão. Lançada em abril, na Agrishow, em Ribeirão Preto (SP), ela já tem 35 clientes. Há alguns com grandes áreas, de até 50 mil hectares, mas a maior parte possui entre 200 hectares e 3 mil hectares. “As novas gerações estão chegando no agro e é um público e aposta em gestão”, diz Leandro Xavier, 44 anos, analista de sistema e CEO do sistema My Farm. “O que nós buscamos, mesmo assim, é um sistema fácil e descomplicado de gestão e que as medidas de desempenho sejam de fácil acesso e compreensão.” Nesse caso, o produto paga R\$ 8 por ano, cada hectare integrado, o equivalente a R\$ 0,67 por mês.

LIGADOS NA INOVAÇÃO

O que é o hub criado em Goiânia

× nasce com 4 startups

× 50 pessoas envolvidas

× sustentada pela Seagri

× Universidade Federal de Goiás e governo do Estado são parceiros técnicos

